

PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO FEMININA E POLÍTICA DO TERROR: UMA ANÁLISE DO CONTROLE SOCIAL A PARTIR DE HOAXES

Renata Queiroz Maranhão [\(1\)](#)

Os doentes, tanto da alma quanto os do corpo, não nos largarão, vampiros, enquanto não nos tiverem comunicado sua neurose e sua angústia, sua castração bem-amada, o ressentimento contra a vida, o imundo contágio. (Deleuze e Parnet)

Resumo: O presente artigo procura avaliar a política de terror como estratégia de controle social a partir da constituição de uma natureza feminina e de propostas para sua remodelagem. Para tanto, foram analisadas mensagens eletrônicas (*hoaxes*) que circulam na internet. Tais mensagens acabam por propor a segregação social de grupos minoritários. A temática base de tal remodelagem é garantida pela difusão do terror, que serve a estratégias de controle social.

Palavras-chave: Política do terror, subjetivação do feminino e controle social.

Introdução

Não é incomum, ao abriremos nossas caixas postais eletrônicas, depararmos-nos com correspondências que nos chegam como um serviço de utilidade pública que deve ser divulgado a todos os nossos conhecidos. Tais e-mails chamam-se *hoaxes*. Têm esse nome por se tratarem especificamente de um embuste. Os *hoaxes* teriam por função maior armar uma brincadeira, criar uma confusão na rede, pregar uma peça a alguém ou a algum estabelecimento comercial qualquer (www.e-farsas.com.br).

Geralmente, eles chegam a nós a partir de uma longa cadeia de encaminhamentos. Quem nos envia é um conhecido que, com pouco esforço, redireciona-os a todos os seus contatos. De qualquer modo, nosso conhecido se empenhou na tarefa a cumprir, já determinada pelo *hoax*: “PASSE ESSA MENSAGEM A TODOS QUE VOCÊ CONHECE!!”

Esse tom de apelo não aparece apenas quando é pedida a sua divulgação. Ao contrário, o apelo parece ser a forma geral do funcionamento metalingüístico nos *hoaxes*. A profusão de sentenças digitadas em “CAIXA ALTA” e a enorme quantidade de pontos de exclamação nos dão evidências de que seu objetivo maior é o de apelar. Poder-se-ia dizer que ele funciona como um vocativo. Ele é uma fala que se dirige a uma segunda pessoa, tem funções específicas de interpelar o outro e colocá-lo em uma determinada posição, de modo a fazê-lo responder de alguma forma.

Uma outra característica merece ainda ser mencionada. Alguns dos *hoaxes* utilizam-se de uma linguagem pseudocientífica, invocando o uso de estatística e de nomes técnicos em sua comunicação. A cientificidade é reforçada quando alguns deles são assinados por instituições de autoridade nacional (tais como a polícia da cidade do Rio de Janeiro) ou internacional (universidades norte-americanas), podendo se apresentar na forma de “resultados gerais de pesquisas”.

Esse aspecto é relevante, pois, como afirma Foucault (1996, 2004), os discursos têm menos relação com “a” verdade (na forma de uma categoria transcendente) do que com o sistema de poder político do qual fazem parte. É parte desse sistema de poder a noção de autoria (quem assina o discurso), bem como o modo de linguagem que utiliza. Portanto, quando circulam em nome de um sistema perito, fazem-se passar por verdadeiros ou, no mínimo, confiáveis.

Do universo dos *hoaxes* aqueles que mais me interessam neste trabalho são os que poderiam ser denominados de “correntes de terror”. São correspondências que objetivam divulgar um certo tipo de crime, violência ou acidente e o modo como devemos fazer para que não passemos por eles. E, dentre os que se situam nesta categoria geral, importam mais os que se dirigem às mulheres, pois me parece que parte desses *hoaxes* se destina especificamente a elas, ainda que não haja um comando explícito. Mesmo sendo apelado que o homem tome conhecimento e se disponha a agir, isso é feito para que ele “faça uma gentileza: repasse este e-mail para qualquer mulher que conheça e também para homens: estes podem repassar às suas amigas, esposas, filhas e namoradas” [\(2\)](#).

Alguns *hoaxes*, portanto, finalizam-se a uma avaliação da forma de ser e agir das mulheres, supondo uma natureza que precisaria ser analisada e, quiçá, corrigida. Funcionam assim como uma técnica de fabricação de indivíduos, uma “tecnologia do eu”.

A matéria vital de seus funcionamentos é a “política do medo”. Sempre se referindo a perigos que corremos, instauram o medo. Interessante notar que o medo, na maior parte das vezes, é parte de uma descrição fabulosa. Descrições sobre acordar em uma banheira de gelo com seus órgãos vitais retirados [\(3\)](#), encontrar cobras venenosas nas piscinas de bolas de parquinho [\(4\)](#), dividem espaço com estupros e seqüestros (igualmente descritos de modo hiperealizado).

O medo é elemento poderoso na estratégia de *governo* social e individual. Nas palavras de Deleuze e Parnet (1998, p. 75), “os poderes estabelecidos têm necessidades de nossas tristezas para nos fazerem escravos. (...) Os poderes têm menos necessidade de nos reprimir do que de nos angustiar, ou, como diz Virilio (in Deleuze, 1998), de administrar e organizar nossos pequenos terrores íntimos”.

Objetivando pensar a segregação social a partir da subjetivação do “feminino” suscitada por *hoaxes* que utilizam o terror, que o presente artigo se faz. Para tanto, serão utilizados os conceitos de “tecnologia do Eu” e governo, conforme cunhados por Foucault. Também será levada em conta a problemática da política do medo.

A política do medo

Em um texto de Deleuze e Parnet, onde Espinosa é celebrado como um filósofo da potência dos afetos, os autores nos falam que não é possível pensar no indivíduo a menos que este seja como que “composto de indivíduos de ordem inferior, e entra na composição de indivíduos de ordem superior” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 73). Os autores pretendem mostrar que um indivíduo só se faz à medida que é afetado por outros, afetos estes que dependem das intensidades das relações entre os seres envolvidos.

Os afetos podem ser equiparados a devires que nos tornam mais ou menos capazes de agir na vida. Há os afetos que nos fortalecem e os que nos enfraquecem. Estes últimos despotencializam-nos quando nos entristecem. O poder procederia preferencialmente pela comunicação de afetos tristes e despotencializadores, os quais nos impediriam de fazer da vida um palco de experimentações. Uma vez acuados, podemos ser melhores governados.

Há muito o terror funciona como estratégia de controle social. De acordo com Foucault (1990 e 2002c), à época da soberania, o procedimento do terror se relacionava com um fabuloso espetáculo público que marcava a reconquista do poder do soberano. Diante de crimes contra o rei, a vindita se dava no cadafalso, marcada pela reconstituição intensificada do crime. Ou seja, o rei, pelo espetáculo de terror, reconstituía e resolvia o crime retomando seu poder. O terrível espetáculo deveria servir, portanto, como o impedimento de novos crimes.

Ora, se a resolução de um crime passava por um espetáculo tão horrendo, é fácil supor que a maior parte dos “pequenos delitos” era resolvida entre os súditos e sem nenhum sistema de referência central permanente. Neste caso, o poder do rei, é exercido de modo a deixar viver e fazer morrer. E o horror com o qual se mostra o exercício desse poder só pode existir esporadicamente. A vida aqui, não sendo alvo de análise, se configurava como uma multiplicidade que não era intensamente organizada pelo poder central.

Com a mudança dos sistemas de soberania para as disciplinas modernas, que implica em uma nova reconfiguração das estratégias de poder, o horror se estabelece como método educativo pulverizado e cotidiano. A intensidade do ato de castigo diminui ao mesmo tempo em que recobre toda as esferas da vida. Não se pode mais deixar viver, é preciso controlar a própria vida, reger a vida no momento em que se vive, a partir de um critério comum – a norma. Para atingir tal finalidade, criam-se, cada vez mais, tecnologias e instituições de confinamento (tais como escolas, fábricas, hospitais), onde a população deverá passar a maior parte de seu tempo. São parte dessas tecnologias as ciências humanas que extraem um saber sobre os homens e devolvem esse saber com a finalidade de governá-los.

Podemos encontrar, em parte dos saberes surgidos no campo das ciências humanas, uma série de teorias dos pequenos castigos cotidianos. Tais teorias estabelecem como, através do castigo, pode-se normalizar os indivíduos. O terror passa, então, a ser diário e não mais restrito a uma relação esporádica do rei com

seus súditos. São as mães, os médicos, os professores que aterrorizam seus filhos, pacientes e alunos.

Faz parte das invenções do poder, disciplinar a noção de periculosidade. A periculosidade, menos que apontar para um perigo real, refere-se a sua virtualização (Foucault, 2002b). O indivíduo perigoso pode ser aquele que, tendo ou não cometido algum ato que o qualifique como perigoso, possui um *virtus* de perigo. Deve-se considerar, entretanto, que é impossível afirmar que há atos naturalmente perigosos. Os próprios atos vão se transformando em perigosos à medida que os regimes de análise das condutas vão se modificando. Deste modo, a forma como os indivíduos se comportam pode ser afirmada como potencialmente perigosa para a sua própria vida e precisaria ser remodelada.

A modelagem da existência pela noção de periculosidade comportaria dois atos relacionados entre si: o reconhecimento dos elementos virtualmente perigosos e uma tarefa de eliminação de tais riscos. Ora, se o perigo é um dos instrumentos de controle social, multiplicar os lugares ou as condutas perigosas parece ser um bom vetor de garantia da proteção individual.

Contemporaneamente, por mais que tal sistema ainda persista, novas configurações com o terror são estabelecidas. Não se trata apenas de um terror que funciona para o adestramento dos indivíduos, mas um terror que tem por finalidade a organização biopolítica da população, quer seja das cidades, dos países etc.

Com o desenvolvimento de tecnologias midiáticas, surge a intensificação do controle. A eficácia é garantida pela distribuição de câmeras nas ruas, pela vigilância de cidades que podem ser vistas por satélites por qualquer usuário comum da internet, pela profusão de noticiários televisivos com apelo ao terror e banalização da violência, dentre outras possibilidades. Toda essa tecnologia, que multiplica o terror, chega aos seus consumidores como útil e necessária às suas proteções.

Estabelece-se, na sociedade que prima pela segurança, um paradoxo. Para maximizar a segurança, faz-se necessário, em um só tempo, multiplicar os riscos a que estamos expostos. Neste sentido, Castel (2005, pp. 08-09) afirma que

“a insegurança moderna não seria falta de proteção, mas antes o seu inverso, sua sombra projetada num universo que se organizou em torno de uma busca sem fim de proteções, ou uma busca tresloucada de segurança. O que é ser protegido nessas condições? Não é viver na certeza de poder controlar perfeitamente todos os riscos a vida, mas, sobretudo, viver cercado de sistemas de segurança que são construções complexas e frágeis que trazem em si mesmas o risco de falhar em sua tarefa e de decepcionar as expectativas que elas suscitam. Portanto, a própria busca de proteção criaria a insegurança. A razão disso é que a insegurança não é um ato imediato da consciência (...). **Em outras palavras, hoje ser protegido é também ser ameaçado**”.

Os lugares e condutas perigosos multiplicam-se. Nos *hoaxes*, há sempre a indicação de que estacionamentos, escadarias de shoppings, ruas próximas a favelas são espaços onde estamos correndo riscos. Lugares que antes eram os que as pessoas permaneciam, hoje são ambientes de passagem que, idealmente, devem ser evitados. Podemos citar com exemplo os estacionamentos de *shopping centers* que na década de 80 recebiam parte da juventude nas tardes de sábado.

É pela fabricação dos perigos que se procede a uma certa forma de mapear a cidade e seus habitantes. Deve-se evitar a favela e seus moradores ao mesmo tempo em que seria de bom tom consumir lugares murados e vigiados. **“Não ande sozinha em ruas estreitas, nem dirija em bairros mal-afamados à noite (5)”**, **apela um *hoax* sobre como as mulheres devem se proteger.**

Mas é o processo de controle dos riscos que implica em uma multiplicação dos perigos a serem enfrentados. E tal multiplicação incide em lugares jamais pensados, devido ao apego ao detalhe. “Nunca pegue o primeiro prato da pilha de pratos de self-service (6)”, pois nele pode conter o perigo sob a forma de um pó branco entorpecente (com “grande quantidade de ClH3O4, Cloreto Hidroxidante (7)”) indica que o primeiro prato da pilha referida é um lugar perigoso. Entram também as piscinas de bolas de lanchonetes (8) ou *uma* alface da sessão de verduras do supermercado (9) (que, em ambos os casos, podem conter cobras). Forma-se, desse modo, um crescimento dos perigos e, por conseguinte, uma separação dos lugares a serem consumidos e dos que devem ser evitados.

Parece inegável que a conseqüência da disseminação do perigo é uma intensa problematização dos aspectos cotidianos. Importa aqui referir o conceito de *reflexividade*, cunhado por Guiddens (1991). Para esse autor, a multiplicação de informações (que supõe sempre a multiplicação das desinformações) impõe ao sujeito atual um constante e crônico monitoramento reflexivo das ações, por mais cotidianas que elas sejam.

Essa profusão de informações faz parte da estratégia de controle aberto, característico das sociedades atuais. Para Deleuze (2004, p. 216), as sociedades atuais funcionam “por controle contínuo e comunicação instantânea”. Ou seja, a profusão de informações faz com que não haja tempo pra pensar, não seja possível “perder tempo” com o pensamento. É uma comunicação instantânea que requer uma resposta igualmente rápida. Ora, se as informações são, de certo modo e ao menos em sua lógica, massificadas, repetidas, as respostas vão se constituindo como algo natural. É parte dessa política de controle, uma intensificação de informações de terror sob a forma de transmissão coletiva de neurose, onde se cria uma “*aversão ao risco* que faz com que o indivíduo contemporâneo jamais possa se sentir em segurança” (Castel, 2005, p. 10).

Por enquanto parece que o que aqui foi tratado, refere-se basicamente ao perigo dos lugares ou objetos que nos cercam. Mas não esqueçamos que, com a noção de periculosidade, podemos ligar o indivíduo (seus atos, sua saúde) ao risco que lhe é intrínseco e que precisa ser afastado. Deste modo, caberia detectar quais tipos de ações individuais ou coletivas devem ser avaliadas como potencialmente perigosas

e merecedoras de correções. A análise de aspectos de comportamentos a serem considerados e corrigidos é um elemento formador de subjetividades.

Processos de subjetivação

De início, é necessário afirmar o equívoco da afirmativa de uma subjetividade a priori. Para autores como Foucault, Guattari e Deleuze, não se pode pensar em subjetividade, no sentido de ser impossível pensar em um sujeito como um dado anterior às práticas que o compõem. É pelo processamento envolvido no ato de invenção do sujeito que é preferível a utilização do termo subjetivação.

De acordo com autores como Guattari e Deleuze, os sujeitos ou as formas de manifestação destes são compreendidos tanto como efeitos de diversas práticas e tecnologias sociais e que o compõem, quanto como eventos que não são imediatamente antropológicos. Assim, afirma Guattari (in Guattari e Rolnik, 2005, p. 39):

“a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação ou de semiotização que não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas e microssociais) nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, de mídia, ou seja, sistemas que não são imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção e sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e produção de idéias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante)”.

A subjetivação, compreendida como um processo, não pode ser pensada como um objeto independente que permanece imutável. Desse modo, Foucault (2003a) dirá que a própria noção de sujeito tem história. Ou seja, o sujeito se percebe como tal a partir de práticas que fazem com que ele experiencie a si mesmo deste modo. Esse resultado é o que Foucault chamará de "experiência de si".

Larossa (in Silva, 2000) afirma que, para Foucault, a "experiência de si" se constitui quando um determinado domínio material é focalizado como objeto de atenção. Quando determinados estados ou atos do sujeito são tomados como objeto de alguma consideração prática ou cognoscitiva.

Pode-se pensar que, para Foucault, o que existe é uma produção de subjetividade *sem sujeito*. Assim, esse sujeito construído contextual e temporalmente, não pode ser analisado alheio aos discursos e às práticas em que está inserido. É da articulação entre discursos e práticas que o sujeito se constitui no que é.

A "experiência de si" é algo que vai além das idéias e representações. É algo que pode ser separado analiticamente de ambos e que, ao mesmo tempo, os torna

possíveis. Esta, histórica e socialmente contingente, adota formas singulares de produção. Produzir as experiências que os sujeitos têm consigo mesmo é produzir subjetividades, estabelecer processos de subjetivação.

Podemos afirmar, então, que a experiência de si é também algo passível de transmissão e aprendizagem. Logo, a formação do sujeito na cultura se dá pelos dispositivos que ela contém, formando esses sujeitos suas experiências com eles mesmos a partir de determinados dispositivos de construção do sujeito.

Os *hoaxes*, tão presentes a uma parte da população, parecem servir como um dispositivo de tecnologia de fabricação do eu (ou simplesmente tecnologias do eu), quando propõem uma duplicação da leitora em função dos elementos ao qual ela destina o olhar. Ou seja, cabe às mulheres leitoras uma auto-reflexão que deve tomar parte de seus comportamentos como um objeto duplicado que servirá à análise. Tal análise, se bem direcionada, pode permitir efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamento, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (Foucault, 1990). Essas condutas sobre as condutas podem ser chamadas de governo. E, como já dito, o medo pode ser elemento poderoso no governo das pessoas.

O que tais *hoaxes* montam é parte de um regime de visibilidade em torno do feminino, de alguns problemas que devem ser modificados. Há, nessa operação, um duplo trabalho realizado em um só tempo: o primeiro seria a constituição de uma certa natureza feminina e o segundo, um trabalho de modificação pedagógica de tal natureza.

Em relação ao primeiro trabalho, podemos perceber que faz parte das estratégias de poder tentar tomar sujeitos por identidades qualificadas como naturais. Em *Vigiar e Punir* (1999), Foucault nos mostra a importância que teve, para o estabelecimento das novas modalidades de poder nas sociedades modernas e disciplinares, a identificação dos indivíduos e a separação destes em “grupos de iguais”. É somente com a modernidade que é possível o nascimento das ciências humanas o qual coloca o homem como objeto de atenção. Aqui o homem volta seu olhar para si próprio, mais do que para a sua relação com a sociedade ou com os elementos da natureza.

Neste olhar que se volta sobre si mesmo, nenhum detalhe poderá escapar. E cada detalhe deve ser aproveitado ou modificado para que entre de modo concertado no funcionamento da economia de produção global.

Em *A Vontade de Saber* (2003b) e *O Uso dos Prazeres* (2003c) Foucault nos mostra como a sexualidade é criada. Se, anteriormente, o que está em jogo entre o indivíduo e seu sexo são as experiências capazes de realizar com o próprio corpo, atualmente, - através da confissão e de suas transformações e incorporação pelas ciências humanas no campo da clínica - o sexo se transforma em sexualidade, um atributo intrínseco ao ser. E é justo a partir de tais atributos, que somos capazes de

nos reconhecemos como possuindo uma natureza feminina ou masculina, homo ou heterossexual. Assim, como afirma Swain (in Rago, Orlandi e Veiga-Neto, 2002, p. 325),

“no cadinho das práticas sociais o ‘eu’ se forja em peles, delimitando corpos normatizados, identidades contidas em papéis definidores: mulher e homem; assim fomos criados por uma voz tão ilusória quanto real em seus efeitos de significação, cujos desígnios se materializam nos contornos do humano. Esses traços, desenhados por valores históricos, transitórios, naturalizam-se na repetição e reaparecem fundamentados em sua própria afirmação: as representações da ‘verdadeira mulher’ e do ‘verdadeiro homem’ atualizam-se no murmúrio do discurso social”.

Um dos atributos que tem sido vivenciado como parte da natureza das mulheres é o perigo. É a mulher Eva perigosa que desrespeita a lei divina. É a mulher, desatenta e amorosa, que na história de Aladim, entrega a lâmpada mágica a um bruxo disfarçado. É também ela que sempre cai e atrasa os heróis nas fantásticas histórias de aventura das sessões de cinema. Não esqueçamos que a vaidade não lhe permite ficar descalça e despenteada, mesmo quando em fuga num terreno pantanoso. Mas quais seriam, então, os perigos veiculados pelos *hoaxes* e quais as suas finalidades?

Um primeiro perigo é o que se refere às características psicológicas das mulheres. A consciência feminina é **perigosa por que lhe “falta estar cônica” (10)**. E, como receita, pede-se que **“esteja cônica: olhe ao redor, olhe dentro de seu carro, olhe no chão dianteiro e traseiro de seu carro, olhe no chão do lado do passageiro, e no banco de trás” (11)**. Do ponto de vista da cognição, as mulheres aparecem como seres desatentos, pois **“têm a tendência de entrar em seus carros depois de fazerem compras, refeições, ou depois do trabalho, e sentarem-se no carro (fazendo anotações em seus talões de cheques, ou escrevendo alguma lista etc.) (12)”**.

Em relação aos aspectos afetivos, a mulher aparece como mais fácil de ser descontrolada e nervosa e, portanto, mas fácil de ser enganada em mentirosos seqüestros virtuais, tais como aqueles que as pedem que, sem desligar o celular, depositem quantias na conta bancária do bandido em troca da liberdade de seu marido. Tal depósito é realizado, conta o *hoax*, independente da certeza do que está ocorrendo. Então, tem-se mais um elemento afetivo: a impulsividade.

Somam-se a tais características a amorosidade e solicitude que fazem com que sempre caiam no discurso do marginal que, fingindo-se de aleijado e pedindo ajuda, arme uma cilada bem lograda. Ao mesmo tempo, a amorosidade e solicitude lhe faltam, quando se trata de socorrer sua filha que chora em um carrinho de compras devido a picadas de uma cobra. Aqui a mãe aparece como pouco solícita, pois **“a menina começou a chorar e ela não ligou para o fato (13)”**.

Poderíamos objetar sobre essa naturalização composta a partir de ausências ou presença de critérios idênticos. Como pensar na construção de uma natureza que é ao mesmo tempo solícita e não solícita? No entanto, não seria essa a questão que

está em operação, e sim problematizar o uso da solicitude em função de contextos distintos. A atenção é problemática quando lhe permite ligar a um estranho e a sua falta se torna um obstáculo quando se refere a alguém conhecido. Ainda assim, nos dois casos, a solicitude é alvo de análise e precisa ser avaliada.

Mas os *hoaxes* não se fixam apenas em atributos psicológicos tais como capacidade excessiva de amar, disponibilidade imediata para o próximo, nervosismo, insegurança ou desatenção. A vaidade, a postura corporal feminina, também entra como um veículo de perigo social. Pelo argumento do medo, as mulheres são convidadas para que **“mantenham suas cabeças erguidas, balancem seus braços, e permaneçam em posição ereta (14)”**, de modo a evitar oportunistas. **Uma tecnologia do comportamento do detalhe do andar que deve ser avaliado para ser modificado.**

Por fim, cita-se a estética. “É mais provável que eles [os estupradores] ataquem uma mulher com rabo de cavalo, coque, trança ou qualquer outro penteado que seja possível puxar mais facilmente. É possível também que ataquem mulheres com cabelos longos. (...) Eles vão olhar para mulheres cuja roupa seja fácil de tirar” (15).

Uma vez que todos esses elementos sejam dados e relacionados ao perigo, o segundo trabalho já deve estar operando. Em um só ato deve-se reconhecer qual o perigo e o que modificar. E as modificações, mesmo quando não são literalmente sugeridas, podem ser intuídas: deve-se ter algo a fazer com os cabelos ou com as roupas e algo a ser feito com os modos de relacionamento ou de confiabilidade tais como ser mais cética e menos ou mais amorosa e impulsiva, dependendo da situação, etc.

Mas grande parte dos comandos é literalmente sugerida. Já identificamos alguns que se referem aos cuidados com lugares perigosos. Mas há a evitação de pessoas e utilização de nossos corpos como armas de defesa. Nas *boites* ou festas noturnas, é pedido que “não larguem os seus copos para ir dançar e voltem a beber nele, se o fizeram, então vão buscar outro copo. (...) NUNCA aceitem um copo da mão de uma pessoa (amigo ou desconhecido), [e] entre amigos, vigiem-se uns aos outros (16)”. Salienta-se o caráter de perda de contato ou de contato controlado ou diminuído que tal apelo provoca. Desconfiar de todos (amigo ou desconhecido) como meio de se prevenir faz com que a tônica dos encontros noturnos seja o medo ou, no mínimo, a desconfiança.

Há ainda dicas de como realizar o bom uso do corpo: “aprendi, assistindo às aulas de caratê de meus filhos, que o cotovelo é o ponto mais forte do nosso corpo. Se você estiver perto bastante, use-o. Se um dia você for jogado dentro do portamalas de um carro, chute os faróis traseiros até que eles saiam para fora (*sic*), estique seu braço pelos buracos e comece a gesticular feito doido. O motorista não verá você, mas todo mundo verá” (17). A tônica paranóica do e-mail é assumida. Em um determinado momento, a autora afirma que “É SEMPRE MELHOR ESTAR A SALVO DO QUE ESTAR ARREPENDIDA. (E é melhor ser paranóica do que estar morta) (18)”.

Nesses pedidos o que se estabelece é o corpo distanciado de outros corpos e corpo como arma. Uma perda de potência pelo contato, uma fabricação do isolamento pelo terror. O principal trabalho então é o de distanciar-se do mundo, ou de sua parte perigosa, pela multiplicação da neurose. O contágio da neurose é feito pelo repasse automático dos e-mails a todos os conhecidos. Uma verdadeira cadeia de neurotização coletiva.

Sem dúvida, poderíamos nos perguntar sobre a finalidade de tal operação sobre a conduta das mulheres. Uma resposta possível refere-se ao “estranho”. Lugares estranhos, pessoas estranhas são problemas constantes em tais *hoaxes*. Podemos afirmar então que o que está em jogo não é exatamente a conduta perigosa da mulher como um ato de inteligibilidade em si, mas o que sua conduta permite acessar. Se o medo é um dos vetores que organiza a sociedade, isolando os indivíduos, ao mesmo tempo em que lhes atribui uma natureza, o perigo então seria o de ativar uma parcela de miseráveis que, sendo desfiliaados [\(19\)](#), parecem ser a resposta natural para todas as mazelas sociais. A mulher, com sua suposta natureza feminina, acabaria por permitir que aqueles constituídos à margem dos processos sociais (desempregados, famintos, favelados) ajam ilegalmente. O perigo da mulher é o de ligar, o de misturar os criminosos com os cidadãos, fazendo com que os criminosos consigam obter ganhos a partir de seus atos. A materialização dos riscos nas camadas populares e nos seus modos de vida, antes de ser questionada, é reafirmada a partir dos *hoaxes* que circulam nas redes. E as mulheres tornam-se perigosas à medida que podem, por sua natureza, fazer a conexão entre o que a sociedade “quer banir” e a própria sociedade [\(20\)](#).

Conclusão

O argumento que procurei estabelecer foi que o feminino, menos que um dado real, do modo como tem sido constituído nos *hoaxes*, tem servido como um elemento perigoso de ligação com o que foi constituído na forma de perigos sociais. O trabalho de desligamento, como já explicitado, pauta-se no terror.

Interessante perceber duas características nessa atual forma de operação pelo terror. A primeira diz sobre uma mudança fundamental nas partes envolvidas nas relações. No funcionamento disciplinar, o terror se estabelece a partir de uma relação entre duas pessoas e um saber. Ele funciona dirigindo-se àquele que deve ser governado. Ou seja, é a mãe que aterroriza o seu filho e o médico que faz o mesmo com o seu paciente. O que se objetiva, nestes casos, é o governo do filho, do paciente etc. Atualmente o terror se desloca para tornar visível e isolado quem, sendo desfiliaado, “está de fora”. Não se trata mais de um comando de um sobre o outro que se encerra nessa relação, ao contrário, o comando se faz como modo de evitação de um terceiro. O alvo do terror é o marginal e sua favela; as ruas e seus cruzamentos; a população e sua desorganização, suas doenças etc.

Por fim, uma segunda característica deve ser ressaltada. Essa diz respeito à finalidade dessa economia geral do terror. Trata-se da proteção individual. O que os *hoaxes* pretendem senão garantir que cada um, individualmente, consiga proteger-se? Não se trata de pensar nos processos de formação social daquilo que

é pensado e vivido hoje como insegurança. Muito menos de pensar em possíveis soluções coletivas, mas de fazer com que, individualmente, cada um cuide da sua segurança a partir da perda do contato, da segregação de grupos minoritários e vitimados.

Provavelmente, essa perda do contato com a diferença seja o primordial das estratégias de terror. Tais estratégias não são realizadas apenas no campo da comunicação via internet. Poderíamos citar muitos outros exemplos de perda de contato a partir da aterrorização das relações indevidas, mas fiquemos com dois deles: os germes e sua transmissibilidade que ocorre no momento em que dividimos um espaço físico (que pode ser um lugar ou um objeto qualquer como um copo, uma cadeira dentre outros) com pessoas estranhas, e a política de contenção da AIDS que não cansa de pedir para que guardemos o nosso sexo a fim de nos mantermos vivos.

A política do terror, deste modo, funciona como meio de enfraquecimento do contato com signos estranhos, elementos possibilitadores do pensamento (Deleuze, 1991). Uma tecnologia de individualização e de perda de potência para a vida, para o encontro com a exterioridade, para o risco.

Referências

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

_____. *A insegurança social: o que é ser protegido*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2003.

_____. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

DELEUZE, G. e PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: a história das violências nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2002a.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Ed. Martins fontes, 2002b.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002c.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2003a.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal Ed., 2003b.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal Ed, 2003c.

_____. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2004.

GUATTARI, Felix. e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2005.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: Silva, T.T. *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

SWAIN, Tania Navarro. Identidade nômade: heterotopias de mim. In: Rago, M. Orlandi, L. B. L & Veiga-Neto. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2002.

Site: www.e-farsas.com.br

Hoax sobre criança morta por picada de cobra em piscina de bolas do Mc Donald's.

Hoax sobre criança morta por picada de cobra no supermercado Bompreço.

Hoax sobre como as mulheres devem se proteger.

Hoax sobre golpe em boites noturnas: estupro.

Hoax sobre golpe em boites noturnas: roubo de órgãos.

Hoax sobre golpe em self-service.

Hoax sobre pesquisa com estupradores.

Hoax sobre golpe do perfume.

Hoax sobre seqüestro virtual.

(1) Aluna da Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, professora do departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Endereço eletrônico: blasat30@hotmail.com

(2) Extraído de um hoax sobre pesquisa com estupradores.

(3) Extraído de um hoax sobre golpes em boites noturnas.

(4) Extraído de um hoax sobre criança morta com picadas de cobra em uma piscina de bolas de uma rede de lanchonetes.

(5) Extraído de um hoax sobre como a mulher deve se proteger.

(6) Extraído de um hoax sobre assalto em self-service.

(7) Idem.

(8) Extraído de um hoax sobre criança morta com picadas de cobra em uma piscina de bolas de uma rede de lanchonetes.

[\(9\)](#) Extraído de um hoax sobre criança morta com picadas de cobra em supermercado.

[\(10\)](#) Extraído de um hoax sobre como as mulheres devem se proteger.

[\(11\)](#) Idem.

[\(12\)](#) Idem.

[\(13\)](#) Extraído de um hoax sobre criança morta com picadas de cobra em supermercado.

[\(14\)](#) Extraído de um hoax sobre como a mulher deve se proteger.

[\(15\)](#) Extraído de um hoax sobre pesquisa com estupradores.

[\(16\)](#) Extraído de um hoax sobre estupro em festas noturnas.

[\(17\)](#) Extraído de um hoax sobre como a mulher deve se proteger.

[\(18\)](#) Idem.

[\(19\)](#) Castel (2005) prefere o termo desfiliação ao termo exclusão social. Desfiliação fala sobre o aproveitamento dos “excluídos” no interior da economia social.

[\(20\)](#) Castel (2005) afirma que a sociedade de segurança faz com que parte do corpo social, mais perdidos do que maus, se transforme no cerne da problemática da insegurança. Deste modo, não se discutem os fatores que geram a insegurança (tal como desemprego, racismo, desigualdade social) e criam-se idéias de que as estratégias de resolução se darão a partir do policiamento e segregação de tais personagens.